

CREPUSCULO

GAZETA LITTERARIA

PROPRIEDADE DE SABBAS COSTA

Desterro, 19 de de Agosto 1889

ANNO III

Publicação semanal

Assig. por mez... 500 réis.

Pagamento adiantado

COLLABORADORES:—DD. Revocata de Mello, Candida Fortes, Candida Abreu, Julia Cavalcanti, Luiza Cavalcanti Guimarães, Ibrantina e Ubaldina de Oliveira; Srs. Silvio Pellico, Carlos de Faria, Pedro Goudel, Timotheo Maia, José Prates, Alfredo Toledo, Dr. Messeder, Brigido Peixoto, Francisco Cardona, Salomé Pereira, Carnarim Junior Wenceslau Bueno, Francisco Dutra.

NUMERO 33

Escriptorio d rua de João Pinto n. 40

CREPUSCULO

Principios litterarios

I

19 de Agosto de 1889.

Nota-se, que actualmente tem adquirido fortes impulsos, a litteratura em geral.

Quando não se succedem a apparição de órgãos que defendam, com criterio e consciencia, as lettras, apparecem, quasi sempre, livros de versos ou prosa.

Sabe um jornal e o leitor necessariamente precisa saber qual o seu fim.

Se o jornal é pilherico e põe de parte os preceitos da moral, o leitor, se falto de conhecimentos, abraça-o e collecciona-o, se o jornal é litterario, se tem, como divisa, apresentar o texto agradável e decente, o leitor, se consciencioso e conhecedor das idealisações apaixonadas e ardentes, zela-o como se fosse um diamante...

Apparece um livro de versos ou um romance. Quanto ao primeiro convem notar a qualidade dos versos; isto é, examinar se o poeta, em versos sensuaes, conta o que gozou em noites de luar, ou se canta os seus amores em versos de gosto e deliciosos, em versos que façam palpitar o coração e exaltar o espirito.

Em qualquer dos casos, o poema terá a devida acceitação, segundo o criterio litterario do leitor.

Se por acaso for chefe de familia, pode ornar a sua estante com qualquer livro de qualquer especie; desde a gothica Biblia, até os romances de Pouson.

Entretanto que se...

elle, tende a leitura livre que nem pr...

...cujo acontece o comprador. elle, naturalmente não o conhece, por conseguinte, ignora se a phar...

...é fundada nos direitos principaes da serie de, ou se é nascida dos lupanares.

...e por isso, leva com toda fé o romance á casa e depois o em cima da mesa de jantar.

Ora bem; vejamos agora a posição do leitor.

Se solteiro, elle, fada a refeição, apòz a ultima gotta de café, al...

primeira pagina: «Romance naturalista, de fulano de tal» e continua, passa as dedicatorias, cabe no capitulo primeiro e apressa-se em acabar o livro para tornar a lê-lo.

Se casado e respeitador da familia, o leitor, espalitando os dentes, abre o livro, e vê em que consiste o enredo da obra.

Depois de tornar-se conhecedor do romance, trata o de presentear a algum amigo; porque receia que alguém leia-o, e esse alguém, ou pode ser a sua consorte, ou a sua filha.

D'ahi nascem duas sortes de litteratura: uma livre outra especialmente adequada aos espiritos virginaes.

Assim é que sinceramente os poemas e romances e sobretudo o jornal devem manter-se n'uma autonomia criteriosa e verdadeira.

A liberdade da imprensa faz com que haja quem despreze a leitura decente.

Mas este quem não sabe, nem distinguir o sublime do repugnante, e muito menos pegar n'um jornal e lêr uma variedade; mas lêr de modo que, se, se perguntar o que lê, elle diga, ou para melhor dizer, saliente o pensamento do escriptor.

O escriptor não escreve só para si, escreve para todos, e todos são obrigados a ler o artigo, mas nem todos estão aptos para julgar o que elle escreveu.

O pensamento não tem correctivos do mesmo modo que o ar não tem peso!

Pode-se dizer tudo quanto se queira mas debaixo d'uma phraseologia que não escoeie a grammatica e nem aborreça a gente...

Por isso que torna-se difficiloso o habito do escriptor; porque elle escogita de quando em vez uma qualquer leitura que agrade e além disso o escriptor está sujeito a duas cousas precisamente justas: acceitação e critica.

O articulista publica qualquer cousa mas...

redes á pesca, ainda me parece escuta a, bem como o som compassado dos remos cahindo na calmaria das aguas, á semelhança de uma saudosa toada.

A barquinha seguia d'entre feiticeiro cortejo de esquivas ondinas, cortando essa imponente vastidão como um passaro aquatico, que roçasse as azas pelas arrendadas espumas.

As embarcações ancoradas ali, brilhavam em seus vermelhos e esverdeados pharões.

Seguia o teu olhar pelo azul do firmamento, como quem busca recordar uma era passada, ou fazer reviver extincta labareda; a fronte linhas erguida, os negros cabellos beijados pelo relento, as delicadas mãos cruzadas sobre o chapéu que descansava-te nos joelhos, eras um vulto de pensador, verdadeiro modelo de meu sonhado ideal.

Timida como a ave das selvas, minha alma fallára baixinho.

Alguem recitava a Partida de Soares de Passos, acompanhada pelas sonóras vozes de uma harpa; as floas pareciam presas de rima scisma, enquanto os mancebos feriam os instrumentos, fazendo soar gemebunda surdina. Tudo era bello n'essa noite de verão, que tão saudosa lembrança deixou em meu livro d'alma.

1881—Rio Grande.

Revocata H. de Mello.

IDYLIO

Vieram dizer-me em pranto, que a minha noiva, a pobre Maria era morta.

Mas isto é uma illusão ou uma mentira, porque Maria não morre. A alma meiga e sagrada não morre nunca; transfunde-se, existe eternamente.

...não vêm como o dia está claro, se Maria fez-se luz!

UMA NOITE NO MAR

A minha querida avó

Que noite aquella!... O ether vestira-se de galas, a terra era um sonho de fadas e o mar manso, marulhava baixinho, prateado pelo claro luar das noites tropicaes.

E' impossivel olvidar os enlevos d'essa noite de dezembro, até mesmo a canção marulha que os barqueiros entoavam deitando a...

O MORCEGO

Naquella noite, em que a lua cheia silenciosa divagava no espaço, eclipsando as estrellas em sua passagem, como uma salva de prata a encher-se de moedinhas de ouro, a Sinhá, com o seu amante—um rapaz-loi-ro, aristocratico, vagava meditativa no vasto prado d'...

Assim amparada pelo braço do mancebo, por quem pulsava frequentemente o seu coração de virgem; sentindo o contacto inebriante d'aquelle corpo, cuja posse tanto aspirava; respirando o sopro confortativo que traz em si o aroma penetrante e delicioso das florinhas daquelle prado ermo: a sua alma virginal mergulhava-se n'um extase phantastico, sublime, que paralyzava lhe o orgão vocal, tornando-a muda e meditativa... A alegria em exaggero, circumdada de maravilhas celestes e terreaes, rouba a alma ao corpo insensivelmente, docemente... E' que o corpo é pó, e a alma imagem e semelhança de Deus!

O rapaz loiro, aristocratico, tambem como a sua amada, conservava-se mudo, contemplativo. Andavam ambos insensivelmente, n'uma doce e silenciosa abstracção.

De repente, um vampiro vagabundo, intrometendo se pelo pequeno orificio que vai de um botão á outro do paletot, sumirase sob a fina cambraia que vestia o adoravel busto da donzella.

Um grito de desespero escapou-se-lhe dos labios carminosos, em quanto que, ao sentir no seio o esvoaçar do indiscreto mamifero, cahia desmaiada.

O mancebo, admirado de semelhante acontecimento, ia a levantar a moça, quando sentiu o arfar de azas sob a fina cambraia que cobria o seio da sua amada.

Immediatamente desabotoa-lhe o paletot, e o imprudente animal ligeiro se escapa... O pai da moça, que passava tambem no prado, chega naquelle momento ao lugar do desmaio e, vendo o rapaz com a mão sob a cambraia, empurrou-o zangado bradando: — miseravel!

O moço queria contar ao velho o que havia sucedido, mas este não lhe escutava: todo encommoado, tratava de levantar a filha.

A joven afinal respirou o, sendo interrogada pelo pai, disse-lhe que um morcego fóra a causa do ocorrido. No seio da rapariga de um beijo do vampiro.

— Bem! disse o velho ao mancebo, estendendo-lhe a dextra, — amanhã será o marido da minha filha: tocou onde não devia tocar, viu o que não devia ver.

O rapaz, porque tocou e viu, teve de esposar a moça, ao passo que o morcego que tocara, vira e chupara continuou livre a sua vida vagabunda, em noites em que a lua silenciosa divaga no espaço!

P. GOUDEL.

INSPERTINOS

(SCENAS DO SITIO)

A Pedro Goudel

lha, bem como chapeo de palha de abas largas.

Não existia uma aragem ao menos que fizesse cabir da haste á terra uma folhagem secca.

Só existia nas mattas verdejantes e nas pedreiras de musgo cobertas, uns passaros que trinavam esperanças e lembravam gozos!

A pequena canôa dos pescadores apenas conduzia dois: um que pescava, outro que remava.

O da pesca era mais corpulento, o do remo mais franzino, os dois de igual estatura e côr igual...

A engenhôca de Luiz estava em labor. O Luiz era um homem popular no local, tinha tres habitações, um rebanho de cabras e boas creações de aves.

Sua filha de nome Rita, que era uma joven de olhar ceruleo e faiscante, tez rosada e esplendida, dentes alvos como marfim, tinha certa inclinação ao trabalho.

Assim é, que vendo-a surgir da roça com algumas raizes de mandioca a mão, exclamei:

« Lá vem de candidos góstos a prestativa roceira, traz a feição feiticeira, bem como os trajos modestos... »

Ritinha dirigio-se a engenhôca, na qual estavam os trabalhadores, sujeitos que tratavam-n'a com indiferença, e ahí depositara a mandioca n'uma gamêla de pão bruto.

— Menina, você pr'a que anda se cançando, não faça isto, disse o Luiz.

— Não é nada, gosto de dedicar-me ás lides roceiras.

A vista desta resposta procurei saber quem era essa Ritinha.

Disseram-me que era uma menina experiente, que havia sido criada na cidade e recebido a respectiva educação.

O Luiz não era homem de saber, pelo contrario odiava a quem era estudioso, começando pela deslumbrante Rita a quem proíbido pegar em livros, a menos que não fosse para ler-lhe.

Passados alguns meses, um joven que apenas tinha 20 primaveras e um cavaignac pequeno metteu-se a gostar da rapariga.

Ella receiosa correspondia ao rapaz que era divertido e manejava bem os dedos na viola e a voz no canto da *Chama-Rita*.

Uma tarde em que o sol tinha deixado o céu á tomar o repouso de purpuras, elle, o bom do meo rapaz, de pretenciosas alegrias, calçou os tamancos, collocou, como elle dizia, a *gruvata* sobre um collarinho de quasi palmo e meio de altura e o chapeo de *tiririca*, e foi-se para a engenhocca onde julgava encontrar a sua affeição.

Não encontrou-a. De prompto tocou-se a toda pressa para casa da Rita e conseguiu vê-la e fallar-lhe.

A Rita era doente e a qual já havia sa quadrinha que elle recitou e lhe algumas palavras e ella não respondeo.

« Ora não seja tolinha, não tenha tanta vergonha, falle commigo Ritinha e não se torne enfadonha. »

Ella corou ante tal estrophe de amor e, então fallou baixinho, sem que ninguém a ouvisse.

Depois de longa palestra retirou se o joven, certo de que teria uma noiva.

No outro dia, ao mugir pela manhã o toiro no campo e ao berro das cabras em fren-

te as choupanas, a Rita foi outra vez a roça. Ahí ella começou no primitivo labor e, por mais que seo pai quizesse dissuadil-a de semelhante mania, nunca o ponde.

A maré estava no seu fluxo e as rolas andavam em sagrados e maviosos turturinos, buscando pela estrada gravetos para os ninhos.

Os colibris sugavam o mel das flôres das bananeiras, os sabiás bebiam na lagôa a crystalina agua.

Nesta sublime hora, manhã de estio, tudo era em galanteios; desde as flôres das hortas até a passarada jucunda e sonora...

Os leiteiros de latas as costas conduziã á cidade o magro leite composto de agua.

As mães de creanças aos collos, as mais pequenitas, e as mais crescidas, ás mãos, caminhavam á ver cangar os bois ás charruas e estas seguir no aborrecido echo do roçar das rodas.

Que languidez havia entre quasi toda aquella gente.

Via-se de caximbo a bocca um homem rolando sobre a esteira posta ao meio da sala, mulheres viam-se contemplando ás soberbissimas visões da natureza: como a mudez do oceano e das lagôas, as boninas perfumantes e cantos de passaros.

Entretanto o Luiz amolava os rapazes na engenhôca de farinha e a Rita, de cabellos caídos e pastinha pendente até perto as sobrançellas negras, trazia da roça a mandioca.

O rapaz, agora descalço plantando batatas e logo do trajas serios, andava lavrando a terra que lhe pertencia, porem como visse na estrada de volta á roça a sua amada, disse-lhe:

« Quando eu viér amanhã, O' minha formosa Rita: Me dás um laço de fita? — eu dou-te um chales de lã O' minha formosa Rita... »

Ella attendeo-o. No outro dia era dado o laço de fita que havia Ritinha preparado com todos os desvelos e primor.

O rapaz fez lhe o promettido presente e dias depois tinha como esposa, a galante Ritinha, a quem elle dêra o seu coração perdidamente apaixonado.

Ritinha nunca mais pisou cé na cidade...

SABRAS COSTA.

Besterro, 7-8-89.

MO

Olha, e Pujante de vitalidade, ella, gontea de tantos veteranos celebre honraram esplendidamente o seu nome seu tempo, vem ali, não a vês? Ali, J pela estrada enflorizada que conduz antamento dos Povos; bello centro onde contra-se a morada da Perfeição. ali na estrada trilhada pelo carr gresso, que derrama soes, estrellações por toda a estrada onde deixam sulcos de artes, de letre cias, sulcos profundos apagarão!

Ali, Julinha; ali vem a Mocidade, cavalgando o corcel de ouro dos Tempos Novos! Olha; vê como ella é linda e prazenteira! Escuta o seu cantar, dulcissimo como o côro das Harmonias Divinas, mulheres que cantam estrellas, sorrindo soes!

Sorri-lhe, Julinha; sorri-lhe, porque ella gosta da satisfação das virgens! Sorri-lhe mais, sorri-lhe sempre, porque os sorrisos das virgens são para ella mais lindos que a luz do astro; soam-lhe mais agradavelmente aos ouvidos que os psalmos divinos cantados no altar-theatro pelos coroados de batina!

Ella não gosta da Hypocrisia! Expulsou-a de sua garupa quando nasceu a Luz!

Ella não tem rei nem patria:—filha do Mundo—é livre como a Liberdade!

Festeja-a Julinha, com os teus olhares; festeja-a com as pulsações do teu coração.

Festeja-a! Atira-lhe flores dos teus olhos e risos do teu coração. Quando ella passar, festeja-a com a tua intelligencia, porque a Mocidade, linda e prazenteira vem ali na estrada trilhada pelo carro do Progresso, tendo expulsado de sua garupa a Hypocrisia quando nasceu a Luz!

FRANCISCO CARDONA.

Desterro—8 Agosto—89.

O ASSASSINO

Ribomba a tempestade pelo espaço afóra!

A immensidade, espavorida, irritada, medonha, reveste a natureza de pesado crepe, envolvendo a humanidade afflicta n'um mar de assombro; de seu largo seio, tenebrosos os trovões bocejam de ans á fraqueza mortal ameaçando a extirpação da vida.

O céu é negro!

Mil listões de fogo, seguidos dos estampidos sinistros, cruzam o firmamento, empalidecendo as escarpas das solidões. As nuvens pesadas e tremulas, impellidas pelos ventos que fremem irados, lá correm pelo infinito deixando apóz si acinzentado rastro. O mar, raivoso, submergindo as frageis embarcações, ferve em vagas encapelladas e horrendas, que se arremessam pelas grimpas dos rochedos.

Desencadeados, os furacões desarraigam as plantas, assoviam por entrebas frestas das janellas, gemem furibundos nas esgalhadas arvores, carregando aos ares turbilhões de nuvens de pó, que galgam ao infinito.

O mundo despertado pelo brado pela tormenta que a natureza, eleva, sob o peso do silencio, as suas fervorosas preces.

— Elle... só, fugitivo, cobe

elle, tendo
leitura livre
que nem pre
tão pouco as
Acontece a
autor descon

En
nhé
zeol
seri

Ali,
leva com to
sita-o em ei
Ora bem;
leitor.

Se solteiro,
ultima golla do café, al

covados, cercados por sanguineas orbitas, espreitam a furto o caminho sob o lume sa gaz d'astucia.

Róla, oh! desgraçado, sob a pressão esmagadora dos vendavaes, da procella, entregue á fatalidade do teu destino cruel e maldicto!

Não tens afagos dos teus filhinhos de quem foges, porque és um monstro e a innocencia treme horrorizada ante a tua barbaridade, accusando-te como indigno do repouso do lar.

Foges, porque és banido pela perseguição da justiça n'um ermo medonho como aquelle em que, por vezes, na expectativa, com o punhal aguçado, entre dentes, saciaste os teus desejos de monstro, enodoando para sempre as peregrinas e asquerosas vestes no sangue das pobres victimas!

O teu passo incerto é pesado como o remorso que te verga a consciencia.

Se paras, atordoas-te o cerebro um abysmo de idéas horrendas que prevêm o futuro medonho e desgraçado que te espera.

Se andas, debaixo dos relampagos da tempestade que se duplica aos teus olhos, persegue te uma alluviação de phantasmas negros designando o punhal manchado e denegrado pelo sangue humano!

Ah!... miseravel, infame, escapas á justiça dos homens; mas a ira do Senhor que freme nos elementos, lucha com o horror do crime, apocrentando o desagocego de tu'alma vil e mesquinha, na senda negra que hoje te arrasta ali para amanhã commetteres uma nova serie de barbaridades.

Foges condemnado e viverás errante, exilado, em mil desesperações, porque Deus, para punir-te severamente, duplica a tua vida agonizante mirrhando-a aos poucos, á mingoa, á fome, e para seres sempre conhecido e excluído dos justos, estampa, com o sinete da sua potencial justiça, na tua fronte de condemnado, a maldição eterna, que pesará negra e medonha na tua crua e venenosa indole de carrasco!

IBRANTINA DE OLIVEIRA.

Desterro, Novembro de 1888.

CONTACTO

A' M. C. L.

I

8 de Agosto, uma noite

... andavam em gr...
as flores do prado.

... encantador, tor...
se em phos... ecencia completa, avido

O luar batia-se em chapa no oceano, e com sua luz alva e pallida, alva como prata, pallida como leite, adornava as vastissimas curvaturas das campinas, bem como as crystalinas vidraças das casas...

II

Eu andava vendo o luar.

...assei por uma casita baixa, cujas janelas fazem frente as amplidões azulinas e melancolicas do oceano.

...ati palmas. Quem me mandou entrar, na creancinha jovial, loira, de dentes e de labios castos. Beijei-a, afagando as mãositas pequenas e delicadas como

Entre e fallei a visita que estava na sala do jantar: eram tres jovens: uma esbelta e corada, outra pequena, mas deslumbrante como um colibri pousado n'um lyrio e a outra franzina, morena, de labios cor de rosa e cabellos lizos: essa é a gentil e graciosa Doquinha, que me parecia um jambo!...

III

Conversámos muito. A mais pequena disse-me o dia de seus annos, e a Doquinha tambem m'o disse.

De repente ouvimos um rapaz gritar:— «Olha o *Crepusculo*! de hoje! 40 réis! Está bom! Traz versos e variedades! E' barato! 40 réis! E' propriedade de Sabbas Costa!»

Achei engraçado isto e ri-me, e riram-se! — Sabbas Costa! é o senhor? disse a pequena, de olhos pretos.

— Não, não sou eu.

Riram-se as outras.

— E' elle, sim, é elle! replicou a primeira joven que estava a meu lado.

E não pude mais disfarçar....

IV

Compraram a gazeta, e fui eu até quem leu um soneto de amor e uma variedade que eu havia escripto ha tempos, quando vi pela primeira vez a morenita de primor e galanteio.

Li-a a vista d'ella, fiz-lhe corar, fiz-lhe rir...

— Pobrezinha, nem uma palavra nem um psiu!...

Não sei se agradou-lhe, se a phraseologia captivou-a.

A Doquita me olhava assim com espanto e agrado; eu olhava-a alegre como quem olha o semblante de uma santa!

Quando olhei-a e vi-lhe os dentes elvissimos como marfim, senti-me elevado, era o unico meu desejo ver-lhe a dentadura de marmore...

V

Deixei o jornalzinho sobre uma meza e puz-me outra vez a interrogal-a; perguntei como se chamava, donde era filha, e tudo ella respondeu-me com certa delicadeza e amor.

Hoje sei que ella nasceu n'um lugar, onde pelas manhãs de Junho os gaturamos cantam muito e os coleiros regorgitam em gosgeios doces.

Tudo isto é sublime, e creio que por esse motivo, ella é um anjinho formoso, mesmo um jambo!...

Não quiz perguntar-lhe nada mais, e retirei-me.

Apertei-lhe as mãos, duas castas açucenas. O aperto de mão foi-me uma riquíssima e agradável contacto das minhas mãos nas da bella morenita deu-me uma vida orvalhada de chuveiros de esperanças!...

E foi o contacto que extremeceu-me a alma, só esse contacto dulcissimo!...

SABBAS COSTA.

Desterro, 16—Agosto—89.

IDYLIO

Era ao entrar do inverno.

Céu dourado, tarde meiga de Maio, quasi fria.

Um ultimo raio de sol accendia a flecha da igreja triste. Cahiam sobre nós, amarelladas, as flôres murchias da primavera morta. Nem um canto nos ramos. Passou sobre a agua do tanque um vago *frisson*, leve sopro do inverno que lhe encrespa a fina folha de chumbo.

— Pedi-te de joelhos a suprema ventura minha.

Disseste-me que não; negaste tres vezes... tres!

Adeus! disseste, adeus! E parti.

Sobre minha cabeça um bando mudo d'aves fugitivas passou alli na direcção do equador.

Eram as andorinhas que partiam.

E' Janeiro, céu claro, azul, sem nuvem.

A luz viva do sol illumina a fachada branca da igreja caída de novo. Havia um perfume vago, no ar, de todas as flores novas que desabrochavam. Cantavam os ramos. Apareceu um grande cysne alvissimo na paz do azul silencioso.

Pedi-te de joelhos a suprema ventura minha.

Disseste-me que sim! e deste-m'a tres vezes... tres!

Agora ficarei eternamente a teu lado, disse-te.

E juntos, abraçados, ficamos ambos a ver tombar no ocaso aquella linda tarde luminosa.

Sobre as nossas cabeças, um bando do murmuro e pipillante de pequenas aves festivas chegou, vindo de longe, á terra da primavera.

Eram as andorinhas que voltavam.

(Do Dia)

PEROLAS DE OPHIR

A CASINHA D'ELLA

A José Alves

n'uma casinha branca,
de modesto encantamento,
que móra minha esperança,
que vive meo pensamento.

Fica no alto da estrada,
no curvamento do monte,
faz frente ao horizonte,
n'uma planicie elevada.

Tem tres janellas de frente
bem feitas e construidas;
a entrada fica ao poente,
por entre hórtes floridos.

Na frente habita um jardim
de cravos, lyrios e rosas,
e madre-silvas cheirosas
que exalam aromas sem fim.

Quem passa pelo caminho,
onde ella se eleva airosa,
diz logo—aquillo é o ninho
de alguma ave mimosa.

Ha dias, eu lá passava...
um viajante, chamou-me,
e perguntou-me o nome
da ave que ali morava.

Eu respondi-lhe: Senhor,
n'uma harmonia suave,
—ali não móra uma ave,
mas sim, uma linda flor.

Tem esse cabido infindo
d'um anjo, ou d'uma sereia...
—todos a chamam sorrindo
a rubra rosa da aldeia l...

TIMOTERO MAIA.

(Das *Gaiivotas*.)

Desterro—89

LIVRO DE NOTAS

Album de Parabens

A 15 do corrente completou dez primaveras a gentil e intelligentissima menina Jenny Isetti, digna filha do illustre cidadão Arthur Isetti.

Em tão precoce idade, em que o pensamento se acha emmaranhado, pendente para um prisma aéreo, que se esvâe rapido como a brisa,—é de admirar nesta interessante creança a vivacidade de espirito, o devotamento ás letras, o conjunto de bellezas moraes, tudo, enfim, que pode prognosticar uma futura Georg Sand brasileira.

Que, por tempo indefinido, possa ver passar, sempre feliz, essa data que rememora o seu nascimento,—são os nossos mais sinceros votos.

A' seus progenitores

— Tambem

nosso adoravel e talentoso
padre, João B. Correa Reinhard,
Abraços.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

A *Gazeta de Campinas* importantissimo diario da cidade que lhe dá o nome.

E' seu proprietario o illustrado e populoso poeta Carlos Ferreira.

A *Revista Typographica* que está no anno de existencia.

Traz artigos interessantes á classe de d'arte e é orgam bem como aos demais admiradores.

A *Revista Sul Americana* (anno I n.º 1) publicada pelo Centro Bibliographico garisador. Tem o seguinte summario: martyrio de Tobias Barreto, por Sylvio Romero. Ultimas publicações, por João Ri-

Tobias Barreto (o poeta) por Myrtillus. Poemas por João Ribeiro. Da educação, por Herbert Spencer.

Bibliographia Brasileira.

A «Revista» é um opusculo importante.

— Sobre a nossa modesta meza de trabalho acha-se o n.º 171 do *Independente*, tri-semanario consagrado aos interesses do municipio de Bagé, na provincia do Rio Grande do Sul, onde se publica.

E' de propriedade e redacção do antigo jornalista Bernardino Bambá, e tem como gerente o habil artista typographo Alfredo Ignacio de Souza.

A ambos esses cavalheiros agradecemos a honrosa permuta, a qual esperamos que seja bem desempenhada pelos correios que, com admiração nossa nos entregam o *Independente*, de 9 do corrente, em 13, isto é; 3 dias depois de ser publicado!

Destá vez, os correios merecem os nossos louvores.

HORAS VAGAS

Só quem nos deu a decifração do logographo e charadas do ultimo numero foi o Sr. Pedro Goudel

Ganhou um premio!

— Para hoje tomos estas cousinhas:

Logographos

A Cardona

Doidinha pelo espaço 5, 3, 12, 2.

E no céo silenciosa 1, 3, 9.

Anda sem dar um passo 10, 13, 1.

Esta menina formosa 1, 9, 3, 4, 2.

Uma certa decisão 6, 7, 8, 4, 7, 11, 13.

Se vê na linda flôr 12, 13, 10, 5.

Amigo: estendo-te a mão 6, 7, 10, 11, 4, 9.

Como faria ao meu amor.

P. G.



A Roberto Lopes

Descance que eu não lhe conto 1, 8, 4, 9, 2,
12, 6

Não me faça abarrecer 7, 8, 3, 5, 1, 10

Quem é dotado d'astucia 4, 5, 9, 5, 13

Lá no mar a pôde vêr. 4, 10, 11, 2, 3, 10.

CONCEITO

Aqui tens para o conceito:

amigo nosso;
grande amizade
jamais posso.

POMPSU DIAS.